

A ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA LEITURA FASCINANTE

Francieli Lubina Kraiczek (UNICENTRO)¹

RESUMO

A arte tem uma função sublime de alegrar, enfeitar, deixar o ambiente positivamente transformado. Se pararmos para pensar, tudo é arte, tudo o que fazemos ou o que nos cerca é arte. Dessa forma, o desenho, a ilustração, a imagem também se enquadram nessa categoria e, se essa manifestação artística não existisse muita coisa perderia a graça, deixaria de fazer sentido, inclusive os livros infantis que também ficariam apagados. Contudo, nas obras da Literatura Infanto-Juvenil, nem sempre a ilustração tem, somente, a função de enfeitar ou colorir as páginas dos livros, muitas vezes, vai bem além disso. Seguindo essa perspectiva, pretendemos analisar, neste estudo, algumas obras da Literatura Infanto-Juvenil brasileira, a fim de descobrir sua possível contribuição para a imaginação e o desenvolvimento do raciocínio das crianças. Para tanto, nos respaldaremos em alguns autores que abordam esse tema como, por exemplo, TURCHI (2002), AZEVEDO (1998), ABRAMOVICH (1994) e PERROTTI (1986).

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil, Ilustração, Discurso.

INTRODUÇÃO

Quem, quando criança, ou mesmo depois de adulto, nunca se vislumbrou e se encantou com as ilustrações dos livros infantis? Hoje em dia, o mercado de publicações investe cada vez mais nesse ramo, que maravilha, principalmente, o público infantil que tem contato com essas obras.

Contudo, é preciso saber distinguir, didaticamente falando, as obras de cunho educativo que trazem idéias inovadoras e criativas para o texto, daquelas que são elaboradas, somente, para chamar a atenção dos consumidores. Esses livros trazem pouca, ou, na maioria das vezes, nenhuma, contribuição para os leitores, apenas visam fins lucrativos. Ou, ainda, “a ênfase na ilustração (...) pode-se transformar num chamariz enganoso, que pretende iludir o

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

leitor, encobrendo um texto literário ruim, sem inventividade, que não representa um desafio à inteligência, ou um apelo à sensibilidade do leitor” (TURCHI, 2002, p. 28).

Países como Japão, Alemanha, Inglaterra, entre outros, investem em publicações de livros infantis e juvenis sem nada de escrito, “com narrativa apenas visual, onde toda a história é contada através de desenhos ou fotos, sem nenhuma palavra” (ABRAMOVICH, 1994, p. 28), ou seja, em que a ilustração toma conta das páginas. É isso mesmo! Esses livros não possuem escrita, apenas desenhos e, mesmo assim, quem os manuseia consegue entender o enredo. Essas obras são elaboradas de modo que os desenhos dêem seqüência a uma história e, apenas olhando, observando, a criança consegue entendê-la.

Se um livro só de imagens já parece fascinante, imaginem agora um livro que expresse movimento ou, então, que tenha fantoches, para que o leitor possa movimentar o personagem; ou, ainda, com luzes que piscam... São inúmeras as criações feitas nesse ramo, uma mais encantadora que a outra. No entanto, o Brasil está, digamos assim, um pouco atrasado nessa área, são poucos os autores que fazem esse tipo de trabalho com ilustrações. Mas, entre esses poucos artistas, Eva Furnari vem se destacando, trazendo livros criativos sem deixar de lado a essência e o sentido da história para as crianças.

Com certeza esses livros elaborados são de grande importância para as crianças, pois “no seu percurso de aquisição do discurso, é justamente a convergência da ilustração, do texto e do projeto gráfico que constrói a unidade e os sentidos da obra de literatura infantil” (TURCHI, 2002, p. 27). Dessa forma, as crianças, por meio da imaginação e do traço do desenhista, sentem-se estimuladas, formam o seu conceito, criam novas perspectivas, imaginam a seu modo outras situações o mesmo desenho.

Porém, certos textos nem sempre são acompanhados de ilustrações, pois “é preciso considerar que quanto mais cresce a complexidade do discurso, mais se torna desnecessária a ilustração” (TURCHI, 2002, p.26). Muitas vezes, um livro traz o seu texto de uma forma tão complexa e explicada que a ilustração só iria atrapalhar, como no caso de textos científicos ou teóricos, por exemplo. Outro caso são os textos poéticos que, na maioria das vezes, trazem um discurso subjetivo com informações que seriam difíceis, ou até impossíveis, de se desenhar.

Contudo, como já mencionamos, nem todas as ilustrações tem o mesmo propósito e a mesma função dentro de uma obra. É a partir dessa perspectiva que pretendemos analisar algumas obras da Literatura Infanto-Juvenil brasileiras.

A ilustração e o discurso no processo de ensino-aprendizagem

Na maioria das vezes, a ilustração, principalmente nas obras infantis, não é reconhecida ou valorizada pelas pessoas, ou seja, grande parte dos leitores pensam que a ilustração tem apenas a função de enfeitar e colorir as páginas do livro. Entre o texto e a ilustração, esta sempre estará em segundo plano.

Assim como a ilustração, o ilustrador das obras também é deixado de lado, raramente alguém se interessa em procurar e pesquisar sobre quem elaborou os desenhos. Se perguntarmos a uma pessoa o nome dos escritores que ele conhece, com certeza esta (dependendo de sua cultura e hábito de leitura) mencionará vários, porém se perguntarmos o nome dos ilustradores desses mesmos livros, sem dúvida a resposta não será igual, será bem inferior. Para Azevedo (1998), “essa falta de informação sobre imagens, não contribui para o exame e a avaliação das ilustrações de um livro, pois, se existe uma frondosa, complexa e colorida árvore formada pelas artes plásticas (...) a ilustração é, sem dúvida, uma de suas ramificações” (p. 106).

A imagem dentro de um livro tem muita importância, às vezes até maior do que o texto verbal. Um autor que se compromete a escrever um texto e, posteriormente, submetê-lo à ilustrações, deve se conscientizar de que sua obra sofrerá interferências por meio da imagem. Segundo Azevedo (1998) “é impossível negar que todo texto ilustrado vai, necessariamente, receber interferência de suas ilustrações. A energia, a linguagem, as cores, o clima, a técnica, o imaginário, tudo o que o ilustrador fizer vai alterar e interferir na leitura (e no significado) do texto” (p. 108).

Dessa forma, é pensando na obra como um todo, ou seja, texto verbal, ilustração e projeto gráfico, que vamos analisar, neste artigo, três livros infantis: *Dia de Chuva* (2007), *Que bicho será que botou o ovo?*(1996) e *Branca de Neve*. Com relação à ilustração, partiremos do pressuposto de que há imagens/ilustrações que são tão importantes e necessárias para o texto verbal que sem elas não seria possível entender o livro, pois trazem um sentido maior para o texto, acrescentam informações. Há, também, aquelas ilustrações que se igualam ao texto, que não tem uma significação maior nem, tão pouco, menor que a escrita. E, por último, existem aquelas ilustrações que não trazem contribuição nenhuma para o leitor, estão inseridas no livro sem nenhum sentido.

Já com relação ao texto escrito, nos basearemos no pressuposto de que uma obra pode apresentar três discursos: Discurso Utilitário, Discurso Utilitário às avessas e Discurso Estético. O primeiro discurso está voltado à pedagogia, ou seja, as obras tinham cunho educativo, eram escritas com o objetivo de educar os leitores para a vida, sendo que por meio

delas eram repassados valores moralistas para as crianças. Segundo Fúlvia Rosenberg (*apud* Perrotti, 1986),

tal discurso não possui uma dinâmica dramática intrínseca, ou seja, o que lhe determina os rumos são critérios externos, estranhos à sua própria articulação. Com isso, a obra perde sua autonomia, não se governando a si própria, o que transforma a literatura para crianças em gênero enfadonho por exelência (p.17).

O utilitarismo perdurou até a década de 70, pois a partir daí surge uma nova tendência discursiva, que “colocará em crise, com seus trabalhos, a concepção utilitária da literatura para crianças e jovens, propondo uma nova compreensão para o fenômeno” (PERROTTI, 1986, p. 11). A essa nova tendência deu-se o nome de Discurso Estético, o qual era desprovido da função de ensinar e voltado ao belo, a parte artística da obra. Para Lourenço Filho (*apud* Perrotti, 1986),

Se a literatura infantil não é literatura didática, a finalidade da literatura para crianças ou adultos somente poderá ser a arte, ou seja, exprimir o belo. A literatura infantil, propriamente dita, será, pois, antes de tudo, expressão de arte, ou já não será literatura (p. 71).

Contudo, nem todos aderiram, tão prontamente, o discurso estético, ou seja, teve muitos escritores que “ficaram em cima do muro” com relação a essa nova concepção. Isso se deve ao fato de que todos estavam muito acostumados com aquela literatura regrada e moralista, com a função única de ensinar. Então, esses autores escreviam seus livros com função de ensinar de forma disfarçada. Esse era o chamado Discurso Utilitário às avessas.

Mesmo assim a mudança não se fez com facilidade. Habitados com a visão utilitária, muitas vezes olhamos o mundo de uma perspectiva mais contemporânea, revisando valores sociais inadequados aos novos tempos, mas nem por isso alterando a concepção pragmática que, tradicionalmente, orientou as realizações do setor. Continuamos comprometidos com a ordem formativa, só que agora promovendo, através de nossos textos, conteúdos sociais consentâneos com o momento. Produzimos, assim, aquilo a que chamamos de “utilitarismo às avessas” (PERROTTI, 1986, p. 14).

Ilustração: analisando três obras da Literatura Infanto-Juvenil

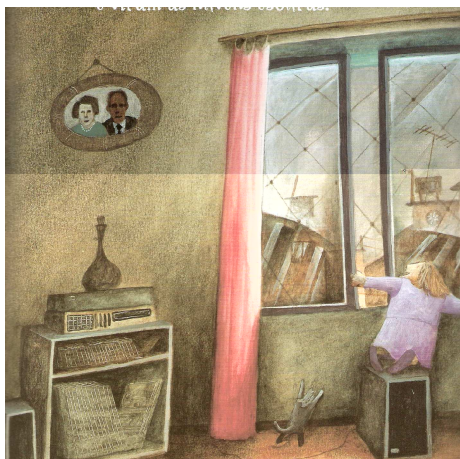
Conforme o exposto, iniciaremos analisando a obra *Dia de Chuva* (2007), escrita pela autora carioca Ana Maria Machado, a qual, em mais de trinta e cinco anos de trabalho, criou personagens inesquecíveis, enredos fascinantes e inovou a linguagem, conquistando uma posição de destaque na literatura infantil e juvenil, no Brasil e no exterior. Quem ilustrou este

livro foi o desenhista mineiro Nelson Cruz, o qual começou a trabalhar nesse ramo em 1988 e até hoje já ilustrou mais de trinta livros. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais de melhor ilustração, sendo os mais recentes o prêmio *Jabuti* com o texto do livro *Chica e João* e, no mesmo ano, ganhou o prêmio, pela FNLIJ, de *Melhor Livro para Criança* e de *Melhor Ilustração* ².

Dia de Chuva é um livro que retrata, literalmente, um dia de chuva, que é bem chato, pois não se pode sair de casa para brincar e, se não usarmos a criatividade, não nos resta muita coisa divertida a fazer. Pois, foi isso o que aconteceu com Guido e seus amigos, Henrique e Isadora, que não puderam ir brincar lá fora por causa da chuva que estava se aprontando.

O livro inicia-se, com a imagem de prédios, pintados de cores neutras, acinzentadas e repletos de varais cheios de roupas penduradas. Além dos prédios, todo o ambiente é ausente de luminosidade. Esse detalhe representa um dia chuvoso, em que o sol não aparece e fica um clima nublado, sombrio e escuro. Também, nota-se, nessa primeira imagem, a presença do vento, pois há folhas de papel voando sem direção e, além disso, as roupas que estão no varal também estão em movimento, se balançando.

Ao virarmos a primeira página, as folhas de papel continuam voando pela segunda e a terceira página, onde aparece Guido e sua mãe olhando pela janela. Na página seguinte, todos estão dentro de casa, onde as cores pálidas e escuras tomam conta do ambiente. Aí, então, as



crianças começam a ouvir os trovões e a ver as nuvens negras, até que começa a chover. O que chamou bastante a atenção nesta página foram os móveis da casa, que parecem ser bem antigos e, em especial, um retrato pendurado na parede, o qual lembra bastante os quadros que vemos na casa de nossos avós.

Para dar mais vida ao texto, a autora faz o uso de onomatopéias para representar o barulho da chuva: “Tipe-tope-tipe-tope-tipe...” (MACHADO, 2007). As

crianças já estavam tediadas ouvindo aquela chuva cair. Foi, então, que resolveram usar a imaginação e, simplesmente, foram andar nas costas dos elefantes... é isso mesmo! As crianças começaram sua viagem fantástica nas costas de elefantes. Você deve estar se perguntando: Mas, como assim?! Pois lembre-se, caro leitor, que ainda há pouco mencionei que as crianças resolveram usar a imaginação. Mas, o mais interessante disso tudo é que sem

² Informações retiradas da contra capa do livro *Dia de Chuva* (2007)

as ilustrações, não saberíamos que os elefantes dos pequenos eram, na verdade, as almofadas do sofá da sala.

Mas, as aventuras não param por aí... depois de viajarem nas costas dos elefantes, as crianças “foram para uma cabana na floresta. Depois fizeram uma caravana de carroças” (MACHADO, 2007). E, para servir de cabana e de carroça, Guido, Henrique e Isadora usaram a mesa e as cadeiras da sala de jantar. Quem, quando criança, nunca brincou com a mobília da casa, imaginando a mesa, coberta com uma toalha, ser uma barraca ou cabana? Nos dias chuvosos, a imaginação toma conta das crianças fazendo com que elas percorram lugares incríveis, sem sair de casa.

Depois que os pequenos viajaram pelo mundo, em sua caravana de carroças,

lugar nenhum por causa da chuva...” e, então, “os três deram muita risada. E as mães não sabiam por quê” (Id., 2007).

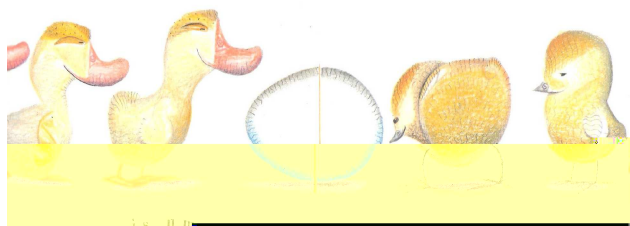
Como vimos, as mães jamais imaginariam que seus filhos viajariam por lugares tão fantásticos sem sair da sala de casa. Até nós, leitores, imaginariamos outras coisas se não fosse a ilustração de Nelson Cruz, a qual trouxe uma leitura significativa para o texto, além de acrescentar informações que não apareciam no enredo. E, com relação ao discurso presente na obra, fica claro que se trata de um discurso estético, pois a autora não mostra intenção de ensinar ou moralizar, mas, sim, de aguçar a criatividade e a imaginação das crianças.

Entrando, agora, num outro viés, de que a ilustração tem a mesma proporção significativa que o discurso do livro, analisaremos a obra *Que bicho será que botou o ovo?* (, escrito pelo autor Angelo Machado e ilustrado por Roger Mello. Segundo informações da contra-capa do livro, essa coleção infantil, *Que bicho será?*, tem como objetivo aguçar a curiosidade das crianças que estão naquela idade em que tudo é novo e interessante.

Como o próprio título já diz, a historinha gira em torno de um ovo misterioso que ninguém viu quem botou. O discurso começa da seguinte maneira: “O bicho chegou, botou um ovo e foi embora. A libélula viu o ovo e foi voando chamar os outros bichos” (MACHADO, A. 1996). É um texto simples, curto e de fácil compreensão por parte das crianças. As ilustrações são coloridíssimas, tomam conta da página inteira, são desenhos que chamam a atenção do público mirim, porém não acrescentam informações novas ou sugestivas. No caso dessa primeira página, foi ilustrado apenas o que estava escrito, nada além disso.

Em seguida, os bichos ficam curiosos e começam questionar um ao outro quem poderia ter botado aquele ovo. Então, os patinhos disseram: “_ Na certa foi mamãe pata que botou. _ Que legau! Vai nascer mais um patinho pra gente brincar com ele” (Id., 1996). Aí, os pintinhos dizem a mesma coisa com relação a galinha, e a ilustração mostra exatamente isso, os patinhos e os pintinhos olhando o ovo.

E assim, os bichos ficam curiosos e questionam-se entre eles, qual seria o bicho que botou o ovo. Então, o galo vai perguntar à galinha se foi ela quem botou e ela responde: “De jeito nenhum! Eu só boto ovo no meu ninho. Deve ter sido a pata” (Id., 1996); o pato vai perguntar à pata, e ela responde: “De jeito



poderia ter botado aquele ovo. Então, os patinhos disseram: “_ Na certa foi mamãe pata que botou. _ Que legau! Vai nascer mais um patinho pra gente brincar com ele” (Id., 1996). Aí, os pintinhos dizem a



nenhum! Se nascer mais um, eu não dou conta de criar. Deve ter sido o passarinho” (Id., 1996); a libélula vai perguntar ao passarinho, e este diz: “De jeito nenhum! Um ovão tão grandão eu não dou conta de botar. Deve ter sido o coelho” (Id., 1996). Aí, todos concordaram que deveria ter sido o coelho quem botou, mas o bichinho se zangou, pois ele já botava coelhinhos prontos.

Com toda essa conversa os bichos esqueceram do ovo, que começou a abrir um buraquinho e, finalmente nasceu um filhotinho. Agora, adivinhem que bicho era! Era um jacarezinho... “e como o coitado nasceu sozinho, os bichos arrumaram uma solução” (Id., 1996). A solução que os bichos arrumaram foi a família da pata e seus patinhos e a família da galinha e seus pintinhos adotarem o jacarezinho, e formarem uma só família.

O livro todo traz imagens bonitas e coloridas, porém nenhuma delas traz significações, ou informações maiores que o texto, portanto são imagens proporcionais ao texto. No que diz respeito ao texto verbal, podemos dizer que essa obra traz um discurso utilitário às avessas, pois transmite a idéia de que o diferente, o ser fora dos padrões, não deve ser excluído do grupo. Foi isso que aconteceu na história, ou seja, os animais (domésticos) acolheram o filhote de jacaré, mesmo ele sendo de um bando diferente (selvagens). Porém, o autor reflete essa idéia de uma forma disfarçada, pois, na obra, em momento algum, é mencionado que se adote, ou abrigue o ser diferente, isto é, somente na ilustração vemos esse fato, o qual nem todos os leitores percebem.

Por último, analisaremos as ilustrações da coleção *Paraíso da Criança*, mais



especificamente do livro *Branca de Neve*, adaptado por Honorino A. de Marchi. A história da *Branca de Neve*, todos já conhecem, então creio que não seja necessário repeti-la, cabe-nos, apenas, discorrer sobre as imagens e o tipo de

discurso que o livro nos apresenta. Esta coleção traz, em todos os seus livros, uma ilustração diferente, sendo que ao invés de desenhos são esculturas, ou seja, bonequinhos, aparentemente, feitos de pano e com os cabelos de lã. Nota-se, também, que o livro *Branca de Neve*, assim como todos os outros, tem a capa, a primeira e a última página com a mesma imagem. Isto é, o leitor vê a capa, aí abre o livro e “dá de cara” com a mesma imagem na primeira página. E, depois de ler a historinha, depara-se novamente, na última folha, com ela.

Como já foi dito, todos os livros desta coleção foram adaptados e “decorados” da mesma forma. Em *João e o pé de Feijão*, o gigante da história é pouca coisa maior que o personagem João e, no final da história, este e sua mãe continuam, aparentemente, pobres mesmo depois de terem os tesouros do gigante. Mas, o mais intrigante é que o pé de feijão continua pequeno na última página do livro. Outro exemplo é o livro *Chapeuzinho vermelho*, que apresenta um lobo que mais parece um ursinho de pelúcia, ou um cãozinho de estimação, de tão dócil que sua fisionomia aparenta ser.



Além disso, esses bonequinhos são muito parados, sem movimento, estáticos, não chamam a atenção da criança, nem de um leitor de qualquer idade. São imagens que não contribuem em nada para o texto, ou seja, não trazem informações novas, não suscitam a imaginação do leitor, enfim, não dão um significado diferente para o texto como no caso do primeiro livro que foi analisado, em que sem a ilustração ficaria difícil imaginar as crianças andando nos elefantes dentro da sala de estar da casa. Além disso, essas obras trazem um discurso totalmente utilitário, pois passam ao leitor a idéia de que devemos fazer o bem, transmitem uma lição de moral, ou seja, são livros que tem como propósito, exclusivamente, ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto nos livros analisados, as imagens, ilustrações, desenhos, nem sempre são proporcionais ao texto escrito, pois, conforme averiguamos nesse estudo, as vezes as ilustrações não contribuem em nada para o livro, ou, em outros casos, podem ser indispensáveis para o mesmo. De acordo com a análise feita, há livros que trazem ilustrações significativas, que são maiores que o texto escrito, ou seja, estão no livro numa proporção maior, transmitem sentidos a mais que o discurso. Assim era a obra *Dia de Chuva (2007)*, de Ana Maria Machado e do ilustrador Nelson Cruz, em que o desenho trazia informações diferentes do que o texto expunha.

Há, também, aqueles que se igualam, isto é, a imagem e o texto estão na mesma proporção, nem um é maior ou melhor que o outro, como no caso da obra infantil *Que bicho será que botou o ovo? (1996)*, do autor Angelo Machado e do ilustrador Roger Mello, em que a imagem somente traduzia o que estava escrito no livro, nada a mais. E, por fim, existem

livros que tem ilustrações sem função alguma, estão nas páginas apenas por estarem e, algumas delas são até bem feias, acabam estragando o livro ao invés de enfeitá-lo. Como exemplo, podemos citar o livro *Branca de Neve*, da coleção *Paraíso da Criança*, que além de não ajudar em nada na obra, ainda são imagens feias e estáticas.

Portanto, quando tirarmos um livro da prateleira da biblioteca, vamos dar mais atenção às ilustrações, buscar seus significados, ler suas entrelinhas. Também, em especial, é importante identificar o ilustrador, conhecer sua história com o desenho. Coloco, aqui, identificar pois as vezes o nome do ilustrador quase nem aparece no livro, de tão pequena a fonte que a editora usa, como se ele, e seus desenhos, não fosse tão importante quanto o autor do livro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1994.

AZEVEDO, Ricardo. **Texto e imagem**: diálogos e linguagens dentro do livro. SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.) **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

MACHADO, Ana Maria. **Dia de Chuva**. Ilustrações de Nelson Cruz. 2ª ed. São Paulo: Richmond Educação, 2007.

MACHADO, Ângelo. **Que bicho será que botou o ovo?** Ilustrações de Roger Mello. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MARCHI, Honorino A. de (adapt.). **Branca de Neve**. Erechim-RS: Editora Eldebra.

PERROTTI, Edmir. **Texto sedutor na Literatura Infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

TURCHI, Maria Zavia; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infanto-Juvenil**: leituras críticas. Goiânia: Editora UFG, 2002.